

JUVENTUDE, TRABALHO E ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO JUVENIL

Youth, work and school: reflections upon juvenile condition

NONATO, Symaira Poliana ¹

DAYRELL, Juarez Tarcísio ²

RESUMO

O artigo discute alguns resultados da investigação “A condição juvenil dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira no *campus* Pampulha da UFMG.” Procurou-se compreender a condição juvenil dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira (CVB), através de uma abordagem quantitativa mesclando-a com técnicas próprias da pesquisa qualitativa. O referencial teórico usado nesta pesquisa pautou-se em reflexões da sociologia da juventude e da sociologia da educação. Dentre os apontamentos da pesquisa, evidenciamos que o lugar social dos pesquisados interfere diretamente nas possibilidades de vivenciar a condição juvenil. A condição de jovens e de estudantes é circunscrita pela condição de trabalhador. A valorização da escolarização remete à garantia de um futuro melhor, ao que a maioria traduz como possibilidade de “ser alguém na vida”.

Palavras- chave: Condição juvenil. Trabalho. Escola.

ABSTRACT

This paper discusses some results that came from the investigation activity: “The juvenile condition of the young workers of the Brazilian Red Cross at Pampulha campus of UFMG”. The aim was to comprehend the juvenile condition of the young workers of the Brazilian Red Cross (CVB), basing on the quantitative approach, mixing it with specific techniques from the qualitative research. Theoretical bases used to develop this research came from reflections upon sociology of youth and sociology of education. Among many points of this research, we do highlight this one: the social place of those who attended the survey interferes, directly, on the possibilities of experience the juvenile condition. The condition of young people and students is marked by the worker condition. The appreciation of schooling refers to a guarantee of a better future, translated by most people as a possibility of “being someone in life”.

Keywords: Juvenile condition. Work. School.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Mestre em Educação e Graduada em Pedagogia também pela FaE/UFMG. Técnica em Assuntos Educacionais da Diretoria de Avaliação da Extensão da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. Integra a equipe de coordenação do Programa Observatório da Juventude da FaE/UFMG. E-mail: <symaira.nonato@gmail.com>.

² Professor aposentado da FaE/UFMG, pesquisador do CNPq, fundador e integrante do Programa Observatório da Juventude da UFMG. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Educação e Graduado em Ciências Sociais, ambos pela UFMG, e estágio de pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. E-mail: <juareztd@gmail.com>.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados da investigação “A condição juvenil dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira no *campus* Pampulha da UFMG”,³ que teve como objetivo compreender a condição juvenil dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira (CVB), buscando analisar as possíveis repercussões do trabalho nas suas vivências escolares e na construção de seus projetos de futuro.⁴

Abordar o tema da juventude nas camadas populares implica levar em conta que a escola e o trabalho compõem a biografia da grande maioria desses jovens. Essa centralidade aponta para uma demanda potencial de estudos que possa aprofundar a compreensão da relação entre juventude, trabalho e escola. Apesar do aumento significativo da produção científica nessa área (SPOSITO, 2009), evidencia-se uma tendência na qual a articulação entre trabalho e escola ainda seja vista no enfoque da dificuldade de conciliação, ou do quanto o trabalho “atrapalha na escola”. Sposito (2009) nos adverte também, em *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira* (1999-2006), que as reflexões sobre juventude e trabalho são ainda pouco exploradas, especialmente na articulação com a escola a partir do que é produzido fora dela, ou seja, a vivência da juventude e do trabalho, buscando integrar aspectos mais transversais da vida dos jovens. Nesse sentido, torna-se necessário ampliar o campo da análise buscando compreender o olhar do jovem para essa vivência: Qual a visão dos jovens sobre o trabalho e a escola? Em que medida o trabalho interfere no processo de escolarização? Quais as possíveis mediações entre trabalho, escola e juventude? São algumas das questões a serem tratadas aqui.

Em consonância com os objetivos da investigação, foi desenvolvida uma pesquisa quantitativa mesclada com técnicas próprias da pesquisa qualitativa, utilizando diferentes procedimentos de coleta de dados. Em um primeiro momento, foram levantados dados secundários sobre a CVB, por meio de uma breve pesquisa sobre sua concepção, histórico e, especialmente, as formas de trabalho com os jovens. Em seguida, providenciamos os cadastros dos jovens no *campus*, especialmente seus nomes e em quais unidades, faculdades e departamentos trabalhavam. A fim de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa e tentar estabelecer relações com os mesmos, foram realizadas observações do cotidiano deles no *campus* Pampulha, como parte de uma pesquisa exploratória.

Após dois meses de observações pontuais do cotidiano dos jovens, realização dos pré-testes e sistematização dos cadastros, iniciamos a aplicação do questionário que seria a base da pesquisa, tendo sido aplicados 149 questionários, de um total de 150 jovens que atuavam naquele momento na UFMG.

³ NONATO, Symaira Poliana. *A condição juvenil dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira no campus Pampulha da UFMG*. 2013. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2013.

⁴ A Cruz Vermelha Brasileira, instituição presente no estado de Minas Gerais há 94 anos, presta serviço de assistência comunitária, qualificação socioprofissional e segurança social. A CVB estabelece convênios com algumas instituições, entre elas a Universidade Federal de Minas Gerais, onde começam a atuar nos diferentes setores. Na universidade, os jovens são inseridos no Programa de Promoção e Orientação ao Trabalhador Adolescente (PORTA), eles passam por outro processo de seleção e depois da aprovação são contratados para trabalhar oito horas diárias (em sua maioria de 08:00 às 17:00 horas), de segunda a sexta-feira, regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), recebendo um salário mínimo, com a função de mensageiro interno na carteira de trabalho.

Ao mesmo tempo, realizamos observações do projeto InterAgindo,⁵ uma ação de extensão do programa Observatório da Juventude da UFMG que atuava junto a 40 jovens da CVB. Essa observação foi mais pontual e aconteceu durante um ano, uma vez por semana.

Neste artigo, vamos privilegiar a análise da condição juvenil desses trabalhadores, a partir da articulação entre juventude, trabalho e escola. Para tanto, iniciaremos com uma breve discussão acerca do perfil dos jovens trabalhadores da CVB. Em seguida discutiremos a relação juventude e escola, buscando problematizar especialmente os sentidos atribuídos pelos jovens à escola. A partir do caminho traçado, ao final, refletiremos sobre a tríade juventude, trabalho e escola, apontando as possibilidades e limites dessa vivência, a partir no ponto de vista dos jovens. Nas considerações finais, retomaremos alguns pontos abordados buscando ampliar as possibilidades de análise e reflexões.

JUVENTUDE NO PLURAL: BUSCANDO COMPREENDER QUEM SÃO OS JOVENS TRABALHADORES DA CRUZ VERMELHA NA UFMG (CAMPUS PAMPULHA)

Ao abordar o tema juventude, torna-se necessário analisar e buscar entender do que se trata e de como os jovens aparecem e são vistos na sociedade. Ser jovem é deixar de ser criança. Juventude é uma fase que antecede a maturidade, o “ser adulto”. Será que podemos definir a categoria juventude dessa maneira? Uma primeira tendência é defini-la em termos da idade. Tal prática é muito útil quando utilizada em pesquisas estatísticas, ou mesmo na definição de políticas públicas, como nos lembra Debert (2004) “os critérios e normas da idade cronológica são impostos nas sociedades ocidentais não por que elas disponham de um aparato cultural que domina a reflexão sobre os estágios de maturidade, mas por exigência das leis que determinam os direitos e os deveres do cidadão” (p. 40). Mas, a sociologia da juventude vai nos mostrar a complexidade que é definir essa categoria, exatamente porque ela é, ao mesmo tempo, condição social e um tipo de representação (GOMES & DAYRELL, 2004). Podemos afirmar que a juventude é uma construção social que pode ser vivenciada de maneira diferente, dependendo de condição social, gênero, raça ou religião do jovem, dentre outras variáveis sociais. Dessa forma, não podemos pensar a juventude de uma maneira cristalizada, o que aponta para a noção de diversidade, para evidenciar a existência de diferentes modos de ser jovem. Sendo assim, é necessário enfatizar que existem *juventudes*, no plural, visto que a experiência juvenil é marcada pelo pertencimento sociocultural dos sujeitos (ABRAMO, 2005; CORTI, 2004; DAYRELL, 2001, 2006; LEÃO, 2006, 2011 e SPOSITO, 2005).

Deixar claro que existem jovens é também um esforço da Sociologia da Juventude em superar uma visão homogeneizante desta fase da vida. Dessa maneira, pensar na juventude é pensar em juventudes no plural, como já citado, mas também é ampliar essa reflexão em torno do que chamamos de ‘condição juvenil’, ou seja, “refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, refere-se às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação” (DAYRELL, 2007, p. 1108). Foi com este olhar que desenvolvemos a pesquisa com os jovens.

⁵ Cabe ressaltar que a observação ocorrida nesse projeto aconteceu antes da aplicação dos questionários, mas só depois da aplicação do questionário ocorreu de forma mais frequente, pois não gostaríamos que a observação do grupo viesasse as possíveis respostas aos questionários.

Os 149 jovens participantes da pesquisa têm idade média de 16 e 17 anos, uma vez que, para participar de algum processo seletivo via CVB, é exigida idade mínima de 15 e máxima de 17 anos. Ao completar 18 anos, o jovem é desligado do local de trabalho, exceto se for contratado pela empresa em que presta serviço.

Outro elemento relevante a ser mencionado refere-se à questão de gênero. Os sujeitos desta pesquisa são representados majoritariamente por homens (65%) e sub-representados pelas mulheres (35%). A nosso ver, tal fato pode ser creditado ao processo de recrutamento, no qual a UFMG parece priorizar o sexo masculino,⁶ no processo de seleção interno. Não obstante, tal dado reflete as estatísticas gerais de inserção das mulheres no mercado de trabalho, especialmente jovens mulheres. No âmbito geral, pode-se observar um aumento da participação das mulheres em trabalhos formais entre os anos de 1999 a 2009, sendo que, em 2009, a proporção de homens em emprego formal atingia 53,2%, para 48,8% de mulheres. Porém, ao focalizar a análise nas mulheres jovens, de 16 a 24 anos de idade, 69,2% estão em trabalhos informais e apenas 30,8% em trabalhos formais. (IBGE, 2011). Outro fator que pode contribuir para essa diferença diz respeito ao tipo de trabalho exercido, pois existe um estereótipo de que certas atividades são próprias para homens e outras para mulheres.

Em relação à autoclassificação étnica-racial, 53,69% dos jovens autodeclararam-se pardos; 28,29%, pretos e um pequeno número se autodeclarou branco (14,77%) e amarelo (3,36%). Assim, um número significativo, 81,88% (somando-se pretos e pardos), é de jovens negros.⁷

Ser jovem branco ou ser jovem negro pode trazer diferenças significativas para as vivências juvenis. Santos e Borges (2005), ao analisarem os dados da pesquisa nacional sobre a juventude brasileira, reiteraram que “a juventude negra tem encarado com mais dificuldade essa fase da vida, porque convive com a discriminação no seu dia a dia, principalmente na educação e no mundo do trabalho” (SANTOS & BORGES, 2005, p. 296).

A análise dos dados dos jovens da CVB parece dizer de uma realidade diferente, pois eles estão inseridos no mercado de trabalho. Porém, cabe questionar, que tipo de inserção é essa. Os dados do IBGE mostram que essa inserção ocorre de forma diferenciada entre negros e brancos, pois, “na categoria de empregadores, estavam, em 2009, 6,1% dos brancos, 1,7% dos pretos e 2,8% dos pardos. Ao mesmo tempo, pretos e pardos são, em maior proporção, empregados sem carteira e representam a maioria dos empregados domésticos” (IBGE, 2010).

Se o fato de os jovens negros da CVB ocuparem os postos de trabalho representa, de um lado, um rompimento com uma lógica de que somente brancos os acessavam, por outro, reforça a lógica de que jovens negros têm ocupado os locais de trabalho “menos qualificados” e vivenciam, em sua maioria, a dimensão do trabalho e do estudo ao mesmo tempo. Mesmo considerando que o trabalho pode potencializar a vivência da condição juvenil, salientamos que, por vezes, pode limitar outras dimensões dessa vivência.

⁶ Vários jovens citaram que existia essa prioridade, o que remete a um imaginário construído de que algumas funções são para homens e outras para mulheres.

⁷ O uso da categoria negra é discutido por diferentes autores (as): Paixão *et al.* (2008); Munanga; Gomes (2006); Gomes (2007).

O estado civil dos jovens também é uma dimensão importante ao falarmos da condição juvenil. Ao serem questionados, todos se afirmaram solteiros. Essa dimensão significa especialmente um “afastamento” do mundo adulto, visto que, em grande medida, ter uma união estável ou ser casado configura-se como um dos ritos de passagem para a vida adulta.

Diferentes autores⁸ enfatizam a importância de percebermos as múltiplas condições da vida juvenil. Há uma diversidade de situações sociais, econômicas, culturais, geográficas, entre outros aspectos, que cada jovem vivencia. Como menciona Dayrell (2007), “na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens enquanto sujeitos que se experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem” (DAYRELL, 2007, p. 4). Assim, ao nos propormos analisar a condição juvenil dos jovens trabalhadores da Cruz Vermelha, torna-se necessário apontar qual é o contexto social, econômico e cultural em que esses jovens estão inseridos, tendo em vista que tal percepção possibilitará compreender ainda melhor quem são esses jovens.

O “LUGAR SOCIAL” DOS JOVENS TRABALHADORES DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Um primeiro ponto que nos permite indicar o lugar sociocultural dos jovens trabalhadores da CVB diz respeito à escolaridade e à ocupação dos pais. Ao analisar a escolaridade dos pais e das mães dos jovens, concluímos que, em sua maioria, era menor que a dos seus filhos. Somando os percentuais de pais que não alcançaram o ensino médio, temos 51,68%, já no caso das mães, o número era ainda maior, 66,44%.⁹ O índice de pais e mães com ensino médio incompleto e completo é bem próximo: com ensino médio incompleto, temos 8,72% das mães e 10,07% dos pais; com ensino médio completo, temos 16,78% das mães e 15,44% dos pais. Chama a atenção o baixo número de pais e mães que estavam cursando ou cursaram ensino superior: apenas 2,01% das mães têm ensino superior incompleto e não há nenhum pai nessa condição. Com ensino superior completo ou mais, temos 1,34% das mães e 0,67% de pais.

Fica muito evidente que esses jovens representam, para a grande parte das famílias, a primeira geração a alcançar esse nível de ensino, o que revela uma relação entre a baixa escolaridade e o contexto de desigualdade social, que gera, entre outros efeitos possíveis, a exclusão do acesso à educação formal. Ao mesmo tempo, a diferença de escolarização entre pais, mães e filhos pode estar relacionada às mudanças educacionais ocorridas nas últimas décadas. O processo de expansão da escolarização no Brasil, bem como as tentativas de universalização do ensino médio, por exemplo, podem ser uma resposta possível a essa diferença marcante entre os jovens e seus pais.

Outro indicador do lugar social dos jovens diz respeito às ocupações desenvolvidas pelos pais. Os pais, em sua maioria, estavam inseridos em atividades tais como: borracheiro, cobrador de ônibus, encarregado de obra, lanterneiro, *motoboy*, pintor etc. Quanto às mães, temos: ajudante de cabeleleira, atendente de bar, auxiliar de serviços gerais, babá, costureira, cozinheira, lavadeira etc. Nota-se que a grande

⁸ Dayrell (2005); Abramo (2005); Sposito (2009).

⁹ Tomamos como base o ensino médio, pois a grande maioria dos jovens estava cursando esse nível de ensino.

maioria encontra-se no setor de serviços considerados desqualificados, de baixo prestígio social e com baixos salários. Coerente com esses dados, buscamos saber a renda familiar¹⁰ dos jovens. Somados os percentuais, a maioria (64,43%) situava-se entre um e três salários mínimos,¹¹ contando com o salário do próprio jovem.

O local de moradia também é um elemento que consideramos importante para situar o lugar social dos jovens. Os jovens da cidade de Belo Horizonte moravam em bairros de regiões consideradas de periferia, em sua maioria nos bairros da região de Venda Nova, seguidos da região Nordeste, Norte e bairros periféricos da região da Pampulha. Apesar de não podermos afirmar imperativamente, foi possível perceber que, na maioria dos casos, os bairros citados por eles pertenciam a vilas, conjuntos habitacionais e favelas, o que foi omitido pela maioria dos jovens. Parece-nos que o local de moradia deixa de ser marca somente das diferenças econômicas, mas expressa diferenças sociais e culturais, especialmente no que tange ao acesso a determinados bens e serviços. Regina Novaes (2006) pontua o quanto o local de moradia faz diferença:

O endereço faz toda diferença, “abona ou desabona, amplia ou restringe acessos”. Para as gerações passadas, esse critério poderia ser apenas uma expressão de estratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe. Hoje, certos endereços também trazem consigo estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia – chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, conjuntos habitacionais, comunidades (NOVAES, 2006, p.106).

Ao afirmar que estamos tratando de uma parcela da juventude pobre, estamos mais uma vez chamando a atenção para a condição juvenil desses jovens, tendo em vista que existe então uma dupla condição que interfere na trajetória de vida dos mesmos, ou seja, a pobreza e a juventude em especial, o que implica desafios próprios.

O QUE O JOVEM FAZ COM SEU TEMPO DE LAZER E COM O SEU TEMPO LIVRE

Outra dimensão importante para entender a condição juvenil foi indagar sobre suas práticas sociais e culturais, especialmente no que se refere ao uso do tempo livre e às atividades de lazer que esses jovens vivenciavam. Brenner, Dayrell e Carrano (2008) chamam a atenção para a importância dessa dimensão, tendo em vista que “a dinâmica sociocultural da vida juvenil expressa, em grande medida, a realidade efetiva dos aspectos que organizam a vida dos jovens nas culturas vividas no lazer e no tempo livre” (p.175).

Diante desse contexto, questionamos os jovens trabalhadores da CVB sobre quais atividades realizam durante o tempo de lazer.¹² Tratava-se de um questionário fechado, porém com um campo para acrescentar outras respostas. Dessa maneira, os jovens tinham as seguintes opções: atividades relacionadas a esporte (jogar futebol, vôlei, natação, etc.); atividades relacionadas a teatro; atividades relacionadas à arte (pintar, desenhar, grafitar, etc.); ler; ouvir música; tocar instrumentos musicais; dançar; usar

¹⁰ Ressaltamos que estamos cientes das dificuldades de precisão quanto à renda familiar, mas consideramos que ela assume um lugar importante diante dos elementos já apontados que, articulados, retratam marcas de uma juventude pobre.

¹¹ O salário mínimo era de R\$ 622,00.

¹² Optamos por abordar três possibilidades de escolha por parte dos jovens, mas agrupamos no questionário diferentes tipos de atividades que poderiam ser exercidas por eles. Por isso, ressaltamos que as categorias de atividades de lazer ora são apresentadas segundo categorização previamente estabelecida no questionário de entrevista, ora são frutos de respostas espontâneas.

internet, usar computador; ir ao cinema / assistir vídeo; outras atividades (qual). Os jovens poderiam escolher três atividades (sendo as já indicadas ou outras que eles julgassem).

A primeira opção escolhida por mais da metade dos jovens (51,01%) refere-se a atividades relacionadas a esporte, tais como jogar futebol, vôlei, natação etc. Consideramos que tal resultado tenha relação com a diferença de gênero já apontada, pois a maioria dos jovens homens ressaltou tal opção, enfatizando o futebol como atividade que prefere para o lazer. Essa atividade já estava previamente elencada no agrupamento "atividades relacionadas a esporte".

Em segundo (42,11%) e terceiro (64,91) lugares, os jovens optaram pela opção "outras atividades". É importante salientar que quase a metade dos jovens (48,99%) afirmou que tais atividades referiam-se a conversar com os amigos, namorar, ficar com a família e ir a festas. Ainda dentro da categoria "outras", os jovens ressaltaram diferentes atividades que não alcançaram um número significativo de respondentes, tais como: jogar *videogame*, sair, ir à igreja, dormir etc.

Há ainda outra atividade de lazer que aparece em segundo lugar (na segunda atividade que prefere para o lazer) nas opções dos jovens trabalhadores, que é o uso do computador e internet, sendo escolhida por 21,93% dos jovens.

Outra questão abordada foi o tempo livre, na qual apresentamos as seguintes opções: esportes, academia, etc.; uso o computador; atividades domésticas, ler; ouvir música; estudar; dançar; passear; namorar; descansar; brincar; assistir TV; outros (qual), mas com possibilidade de os jovens ressaltarem outras atividades. Nessa questão os jovens também poderiam citar três atividades.

Em primeiro lugar, entre as opções mais escolhidas, os jovens responderam que usavam o computador (30,87%), liam (12,08%), estudavam (11,41%) e faziam atividades domésticas (10,07%). No segundo lugar, aparecem o descanso (24,24%), o namoro (15,91%) e assistir à televisão (13,63), seguidos de outras atividades com percentual pouco significativo. No terceiro lugar, aparece a opção "outros" (28,41%), abarcando atividades como: conversar com amigos e familiares (12,08%), dormir, comer e sair (4,70%); em segundo lugar da terceira atividade, temos novamente o descanso (22,73%) e assistir à televisão (21,59%).

As atividades de ocupação do tempo livre, mencionadas pelos jovens, refletem em grande medida a condição juvenil dos mesmos, pois, como enfatizam Brenner, Dayrell e Carrano (2008), "a ocupação do tempo livre pelos jovens pressupõe necessidades materiais objetivas e a existência de tempo liberado das obrigações cotidianas e de conteúdo culturais que organizem e deem sentido à experiência desse tempo" (p. 176).

Podemos dizer que, em sua maioria, os jovens ocupam esse tempo estudando, lendo, comendo, descansando e dormindo, atividades que podem ser vistas como necessidades objetivas. Descansar, por exemplo, é uma atividade que nem sempre podem fazer, tendo em vista a 'correria' diária. Todavia, cabe aqui também refletir sobre o tempo livre colocado como tempo liberado das obrigações cotidianas, pois, até que ponto a atividade doméstica, citada por alguns jovens, não é uma obrigação para eles? A contradição no uso do tempo livre é vivenciada por alguns jovens trabalhadores da CVB que o utilizam para realizarem atividades que podem ser vistas como obrigação por alguns, tais como atividades domésticas, leitura de livros para trabalhos da escola e estudar para algumas provas, conforme ressaltado por alguns.

Esses dados confirmam a afirmação de Elias e Dunning (1992), de que “nem todo tempo livre é tempo de lazer”, pois no tempo livre os jovens pesquisados realizam diferentes atividades e precisam ainda cumprir algumas obrigações sociais ou mesmo obrigações impostas, como mencionamos acima. Se tais atividades são realizadas no tempo livre, não são necessariamente consideradas como tempo de lazer.

Em seguida, para melhor analisar o uso do tempo livre e o lazer dos jovens trabalhadores, questionamos com que frequência acessavam determinados espaços.¹³ Nesse sentido, utilizamos a escala de frequência com as seguintes opções: sempre, às vezes e nunca. Através dessa escala, pudemos perceber a frequência com que os jovens vão a determinados lugares que, por sua vez, trazem uma dimensão de lazer que se refere a expressões culturais, o que de certa forma diz de relações sociais mais abertas e que implicam circulação dos jovens nos espaços urbanos.

Os *shopping centers* eram frequentados ‘sempre’ por 48,99% e ‘às vezes’ pelo mesmo número (48,99%). Ao observar as idas ao cinema, que em sua maioria é um ambiente dentro do *shopping*, temos uma diminuição considerável em comparação com a frequência de idas ao *shopping*, pois 23,49% afirmaram sempre ir ao cinema e 68,46% às vezes.

A alta frequência aos *shoppings centers* por parte desses jovens expressa uma tendência percebida em várias outras pesquisas (ABRAMO; BRANCO, 2008). De um lado parece expressar a apropriação pública de um espaço privado, fazendo dos *shoppings* um lugar privilegiado em que os jovens transitam com seus estilos, mostram-se e convivem com diferentes jovens e com diferentes gerações em um mesmo local. Como nos lembra Teresa Sá (2006), esse espaço é triplamente simbólico, pois simboliza a relação de cada um com seus ocupantes, consigo próprio (identidade), com os outros ocupantes (relacional) e com a história comum (SÁ, 2006, p.182). Mas a dimensão simbólica também aparece na relação entre consumo e cidadania (CANCLINI, 2005). Os jovens trabalhadores, ao ocuparem esse espaço considerado como ‘templo do consumo da classe média’ e que não foi construído para eles, podem estar nos dizendo da adesão a uma forma possível de afirmação de si mesmos, de construção de cidadania, lançando mão de um dos símbolos do capitalismo, o consumo. Assim como no fenômeno dos ‘rolezinhos’ ocorridos no Brasil a partir de 2013, eles colocam em debate a questão do consumo, as culturas juvenis e os estereótipos sociais e raciais.¹⁴

Um dado que contrasta com o acesso ao cinema refere-se ao acesso dos jovens ao teatro, que se mostra muito pequeno. Mais da metade dos jovens (57,72%) nunca foi ao teatro, seguida de 40,94% que vão às vezes e 1,34% que vai sempre. Esses números confirmam os dados da pesquisa *Retratos da Juventude Brasileira* (ABRAMO; BRANCO, 2008), que constataram, em nível nacional, que 62% dos jovens nunca tinham ido ao teatro. É possível que o acesso desses jovens pobres a esses lugares aconteça com pouca frequência devido à falta de condições econômicas.

¹³ Devido às limitações, não analisaremos todos os espaços abordados no questionário neste artigo.

¹⁴ O fenômeno dos “rolezinhos” foi a ocupação de *shoppings centers* em várias grandes cidades brasileiras por adolescentes e jovens, em sua maioria moradores de periferia. Eles articulavam esses encontros por meio de redes sociais com propósitos diversos de diversão, deboche e/ou protesto, chegando a reunir 3000 jovens, sendo duramente reprimidos. Esse fenômeno e a polêmica que gerou não dá para ser aprofundada nos limites deste artigo. Para maiores detalhes, ver FARIA *et al.*, 2013; FERREZ, 2014, dentre outros.

Outras pesquisas como a do Ibase/Pólis (2004), da UNESCO (2006) e a do IPEA (2009) denotam a falta de acesso dos jovens a teatro, concertos de músicas clássicas, danças, *shows* musicais e apresentam também que um número pequeno de jovens consegue acessar museus ou exposições artísticas. Essa realidade pode ser compreendida na perspectiva da reprodução das desigualdades sociais concretizada na dificuldade de acesso a um capital cultural (Bourdieu, 1997) tanto por motivos econômicos quanto por ser um local de estranhamento e constrangimento, um espaço que não consideram ser para eles, como mencionou uma jovem pesquisada. Ao mesmo tempo, temos de estar atentos para não cair no equívoco de considerar estes jovens como 'sem cultura', analisando-os na perspectiva da falta, tendo como base uma determinada cultura considerada legítima.

Dayrell (2005, p. 179), ao refletir sobre os jovens pobres, enfatiza que, "[...] nos limites dos recursos a que têm acesso, eles vivenciam processos riquíssimos de socialização, mesmo que não tradicionais, elaboram valores, representações, identidade, constituem-se como sujeitos, tão humanos quanto outros jovens 'bem socializados' com trajetórias de vida mais normais". O autor chama a atenção para os diferentes processos de socialização e produção cultural em que os jovens pobres estão inseridos e que nem sempre são levados em conta.

A amizade representa uma dimensão central da condição juvenil, o que se percebe quando o encontrar com os amigos e o estar com a família foram colocados como possibilidades bastante frequentes de lazer. Mais da metade dos jovens (55,03%) afirmou ir à casa de amigos sempre, 42,95% afirmaram ir às vezes e um número pequeno afirmou nunca ter ido.

Por último, ressaltamos o lugar significativo da religião na vida dos jovens trabalhadores da CVB. É a partir dela que vários jovens afirmaram encontrar seu espaço de lazer ampliado, reforçado ainda mais devido à convivência com os pares.

Ao serem questionados sobre sua religião, os jovens, em sua maioria, responderam que eram da religião evangélica (51,6%), seguidos dos católicos (35,5%) e um baixo percentual (12,7%) que não apresentava nenhuma religião. De acordo com o Censo (2010), observa-se no Brasil uma redução no número de católicos (tendência já percebida no Censo 2000) e um aumento da população evangélica. Os adeptos da religião evangélica passaram de 15,4% para 22,2% em 2010.

Os dados sobre frequência dos jovens à igreja e/ou cultos reforçam a importância que a religião tem tido nas vivências juvenis e que os espaços das instituições religiosas têm para a sua sociabilidade. Mais da metade dos jovens (55,03%) afirmou que ia sempre às igrejas/cultos, 38,93% iam às vezes e 6,04% nunca foram.

Fica claro, assim, que a vivência da condição juvenil, a partir do lazer e do uso do tempo livre, é marcada pela prática de esportes; namorar; conversar com amigos; ficar com a família e ir a festas como as principais atividades de lazer que realizam. Quanto a atividades de tempo livre, apareceram principalmente: namorar, usar o computador, estudar, ir à igreja, fazer atividades domésticas, descansar e assistir à televisão.

Os resultados apontam que existe pouca diversidade na ocupação do tempo livre e do lazer, o que está atravessado pelas desigualdades sociais. Como ressaltado por Brenner, Dayrell e Carrano (2008), "num quadro de profundas restrições orçamentárias

tanto das famílias como do Estado, a cultura e o lazer são frequentemente colocados como algo supérfluo ou mesmo privilégio de poucos” (p. 210).

A RELAÇÃO DOS JOVENS COM A ESCOLA

Os jovens trabalhadores da CVB, em sua maioria, estavam cursando o terceiro ano do ensino médio (42,28%); no segundo ano, 28,19%; e ainda um número considerável no primeiro ano, 20,13%. Cabe ressaltar que, entre os jovens participantes da pesquisa, um número pequeno (8,05%) já havia concluído essa etapa escolar e dois jovens (1,34%) estavam no nono ano do ensino fundamental. Praticamente todos os jovens estudavam em escolas públicas (99,33%), sendo 79,87% em escolas estaduais e 19,46%, em escolas municipais. Apenas uma jovem (0,67%) estudava numa escola particular com bolsa parcial.

Buscando compreender os sentidos da escola, inquirimos sobre o que os jovens gostam na escola (Tabela 1).¹⁵

TABELA 1
O que mais gosta na escola?

	O que mais gosta na escola (%)				
	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	4º Lugar	5º Lugar
Poder encontrar os amigos	43,62	28,86	16,22	4,14	7,25
As aulas	32,89	22,15	18,92	16,55	9,42
O caminho para a escola	11,41	8,05	18,24	18,62	42,03
O horário do intervalo	6,04	21,48	25,68	36,55	8,70
Os professores	6,04	19,46	20,95	24,14	32,61
TOTAL	100	100	100	100	100
	149	149	148	145	138

Fonte: Elaborada pelos autores.

Para 43,62% dos jovens, o que mais gosta em relação à escola é ela ser um local para poder encontrar os amigos. E também 28,86% escolheram esse momento em segundo lugar.

Fica evidente que, para os jovens da CVB, a instituição de ensino passa a ser interpretada como um espaço que proporciona fazer novas amizades e manter as existentes. Segundo Dayrell e Barbosa (2009), “os jovens constroem seus laços e a escola passa a servir como um espaço que possibilita o surgimento de novas amizades (ou inimizades), funcionando muitas vezes como um espaço de ampliação de sociabilidade” (p. 249). Ainda analisando o percentual do primeiro lugar, percebemos que 32,89% dos jovens afirmaram que gostavam das aulas. Não parece difícil entender essa colocação, pois tendemos a considerar o momento da aula, para além de ser o espaço ímpar de construção do conhecimento, como um espaço no qual acontecem as ‘zoações’, as interações, as brincadeiras, ou seja, é

¹⁵ As opções eram mostradas aos jovens e eles colocavam em ordem de preferência, por isso na tabela temos uma escala (1º lugar, 2º lugar, etc.), pois refere-se à escolha dos jovens.

um espaço rico de possibilidades de conversar, 'trocar ideias' com todos os colegas de sala, ao mesmo tempo em que, para muitos é um espaço desagradável de lidar com os conteúdos.

Em terceiro e em quarto lugar, os jovens escolheram o horário de intervalo, com 25,68% e 36,55% das respostas dadas. Chamamos a atenção para o fato de que é apenas no 5º lugar que os professores aparecem com mais expressividade, 32,61%; ou seja, para a grande parte dos jovens, os professores foram elencados como a última opção do que gostam na escola.

Os professores não assumem lugar significativo para grande parte dos alunos, o que tende a retratar que a relação de parte desses jovens trabalhadores com os professores não extrapola a relação formal professor/aluno e essa dimensão certamente tem peso nas escolhas sobre o que gostam, como relata uma jovem:

Eu não gosto dos meus professores não...eles só sabem reclamar e xingar. Nem cumprimentam a gente direito e depois fica querendo ensinar e mandando calar a boca, eu finjo que nem é comigo (Mulher, 16 anos, Questionário 103).

O depoimento traz a dimensão de distanciamento de alguns dos professores diante dos jovens, o que pode ocorrer entre aqueles que consideram que o importante é passar o conteúdo e estabelecer uma relação com os jovens exclusivamente de professor, e nesse caso vendo-os somente como alunos, não levando em conta a sua dimensão juvenil.

A Tabela 2 traz os resultados sobre a importância da escola nas suas vidas.

TABELA 2
A escola é importante em 1º, 2º, ..., 6º lugar para...

	A escola é importante para... (%)					
	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	4º Lugar	5º Lugar	6º Lugar
Ter mais oportunidades na vida	42,28	28,19	15,65	8,16	6,25	1,44
Ter uma profissão	24,16	26,85	27,21	10,20	10,42	1,44
Aprender os conteúdos escolares	15,44	16,78	21,09	19,73	20,83	4,32
Entender a realidade	10,07	18,12	17,01	29,25	18,75	6,47
Tornar-se uma pessoa mais educada	6,71	9,40	17,01	23,81	26,39	15,83
Encontrar com os amigos	1,34	0,67	2,04	8,84	17,36	70,50
TOTAL	100	100	100	100	100	100
	149	149	147	147	144	139

Fonte: Elaborada pelos autores.

A grande maioria deles (42,28%) considera que a escola é importante em primeiro lugar para se ter mais oportunidade na vida; em segundo lugar, essa opção também é a mais escolhida, com 28,19%. Em terceiro lugar, 27,21% afirmaram que a escola é importante para se ter uma profissão. 21,09% optaram em dizer que a escola é importante para se aprender os conteúdos escolares. Em quarto lugar, 29,25% dos jovens disseram que a escola é importante para se entender a realidade; em quinto, com 26,39%, para se tornar uma pessoa mais educada e, em sexto lugar, com 70,50%, importante para encontrar com os amigos.

Percebemos que a importância da escola se concentra na visão desse espaço enquanto base, alicerce e, especialmente, a necessidade de passar pela escola para ser 'alguém na vida'. Isto é, parece existir uma visão instrumental da escola, ou seja, aquela que no futuro pode 'servir' para alguma coisa, como tentar acessar o ensino superior.

Podemos dizer que a relação que os jovens da CVB estabelecem com a instituição escolar diz respeito à própria construção dos sentidos da escola que estão presentes nas camadas populares. Segundo Thin (2006), os sentidos da escola para as famílias de baixa renda estão nas possibilidades sociais que ela pode viabilizar. Assim, o significado da escola reside nas promessas de um futuro melhor, que possibilite um trabalho melhor e, sobretudo uma melhor renda. "A educação deixa de ser vista como espaço de compartilhamentos de conhecimento, perde-se seu caráter humanizador, torna-se mercadoria a ser consumida, que possibilitaria um consumo mais ampliado no futuro". (DAYRELL; JESUS *et al.*, 2013).

Os sentidos da escola para os jovens trabalhadores da CVB se concentravam entre o "que gosto na escola" e o "que é importante nela", mesmo que diferentes elementos pareçam paradoxais. Podemos inferir que estes se pautam muitas vezes na ambiguidade de 'ser jovem' e 'ser aluno'. Se refletirmos sobre os elementos que expusemos até o momento, podemos salientar que os gostos se relacionam àqueles mais inerentes à condição juvenil e a sua importância se fundamenta no que se espera da escola enquanto aluno. Ou seja, a dimensão do gosto refere-se às relações que podem ser vivenciadas dentro da escola no presente, como a relação com o grupo de pares, as amizades, relação com as culturas juvenis, relação com os professores que ultrapassem o repasse de conteúdo etc. Já a importância da escola parece se relacionar exclusivamente ao que se espera que a escola proporcione no futuro enquanto aluno. É a mesma conclusão constatada por Sposito e Galvão (2004) quando lembram que, para os jovens, a escola aparece na sua ambiguidade: ruim no presente e boa para o futuro.

JUVENTUDE E A RELAÇÃO ENTRE O TRABALHO E A ESCOLA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Falar da relação juventude, escola e trabalho nos leva a pensar nas escolas noturnas, pois é nesse turno que se encontram 146 jovens trabalhadores da CVB, dos 149 participantes da pesquisa. A entrada para a escola noturna se relaciona majoritariamente à necessidade de conciliar trabalho e escola, no caso dos jovens aqui pesquisados, embora não possamos afirmar que essa seja a regra. Peregrino (2009) aborda dois fatores que nos ajudam a refletir sobre a escola noturna: o primeiro refere-se à condição de poder conciliar trabalho e estudo e o segundo,

à colocação da escola noturna como “instituição de categoria inferior para os alunos trabalhadores” (PEREGRINO, 2009, p. 104). Tal afirmação parece estar em consonância com o depoimento abaixo:

Mudei de turno para trabalhar e no momento não estou gostando de nada à noite, sou novo na ‘noite’. Lá é só para quem não tem tempo mesmo, não ensina nada. Teve um professor que falou que não ia passar nada que exige, pois trabalhamos o dia inteiro e nós não vamos conseguir “pegar” (Homem, 16 anos, Questionário 113).

O depoimento retrata a realidade da falta de qualidade da escola noturna, perpassada pelo ensino de ‘má qualidade’ e pelo posicionamento de alguns professores diante dos jovens alunos trabalhadores. O jovem implicitamente demonstra uma insatisfação em estudar à noite, ao mesmo em tempo que parece estar sem outra opção, tendo em vista que precisa conciliar trabalho e estudo.

As afirmações de Peregrino (2009) e o depoimento do jovem nos fazem questionar sobre quais têm sido as relações mantidas entre escola e trabalho. Especialmente nas escolas noturnas, como se tem constituído tal relação? Afinal, o trabalho “prejudica” a escolarização? As respostas para tais questões são muito variadas, como aponta Peregrino (2009): de um lado, há uma denúncia do trabalho do jovem como elemento que se configura como um obstáculo para a escolarização e, de outro, o trabalho e a escola como elementos inseparáveis na socialização dos jovens de camadas populares. Mas, o que os próprios jovens sinalizam sobre essa conciliação? Ao serem questionados se o trabalho prejudica o desempenho escolar, 74,50% dos jovens pesquisados afirmaram que não e 25,50% afirmaram que sim. O que é mais interessante é que muitos deles colocaram que, ao contrário, o trabalho os ajudava na escola:

O trabalho não prejudica meu desempenho na escola, até melhora. Porque antes eu era irresponsável, desatento, indisciplinado, agora eu ganhei disciplina (Homem, 16 anos, Questionário 138).

O relato aponta para uma dimensão subjetiva, relacionada a uma nova postura diante da escola, por exemplo, ser mais responsável, ter mais compromisso. A dinâmica do trabalho pode, sim, contribuir para tais mudanças, pois o jovem passa a se inserir num ambiente em que tem que cumprir horários, com regras, habituando-se a isso para além do local de trabalho. O trabalho proporciona uma estruturação dos tempos e das obrigações (THIN, 2006) tão cara à escola. Nessa perspectiva, chamamos a atenção para a dimensão educativa do trabalho, apontada por Arroyo (1987), ou seja, mesmo em meio a características como rigidez, tempos estabelecidos, rotinas, que podem parecer deformadoras, o trabalho pode ser formador.

Buscando aprofundar ainda mais a discussão sobre a relação escola e trabalho trazida pelos jovens, destacamos uma declaração:

O trabalho não prejudica a escola, pois não gosto de estudar na escola, mas pretendo fazer Faculdade de Direito (Homem, 17 anos, Questionário 10).

O que esse depoimento pode nos dizer? Quais os sentidos atribuídos à escola para esse jovem? Percebemos que, para ele, o trabalho não interfere em nada na escola, pois a relação que ele estabeleceu com a mesma perpassa a “ausência” de sentido,

especialmente no tempo presente, pois prevalece uma posição de um sentido no futuro para o processo de escolarização. Para jovens como ele, a escola é importante, mas o trabalho ocupa uma centralidade maior, o que não geraria nenhum prejuízo à escola.

Cabe refletir: por que os jovens trabalhadores depositam 'tanto' sentido no trabalho e tendem a não colocar o trabalhar como algo que repercute em diferentes nuances de suas vidas? Certamente seria necessário nos aproximarmos ainda mais do cotidiano do trabalho de cada um a fim de buscar entender essa relação. Não obstante, uma jovem parece nos dar "pistas" de por que a relação trabalho, escola e jovens da CVB parece "fugir" da compreensão em senso comum de que é uma relação dicotômica:

O trabalho não prejudica meu desempenho na escola. Trabalhar e estudar é difícil. Fica um tempo muito regrado para estudar. Trabalhar na UFMG nem tanto, porque posso estudar, fazer para as atividades da escola. Dependendo do trabalho, da chefia, é possível fazer as duas coisas... (Mulher, 17 anos, Questionário 122).

É claro que o depoimento acima não diz da realidade de todos os jovens trabalhadores da CVB dentro da UFMG, tão pouco postula que não é uma relação difícil, como ressalta a jovem. Porém, chama-nos a atenção para as possibilidades de se efetivar uma 'relação feliz' entre trabalho, juventude e escola.

Ainda nesse contexto, não podemos deixar de citar que 25,50% dos jovens disseram que o trabalho prejudica seu desempenho escolar, pois ficam cansados ou não têm tempo para estudar, e outros afirmaram que sempre chegam atrasados na escola, o que nos faz enfatizar que a relação juventude, trabalho e escola vai muito além da possibilidade de poder estudar/fazer atividades no horário do trabalho. Além disso, enfatizamos, para além da dimensão do aluno e do trabalhador, a dimensão do jovem. Em que momento o jovem aluno trabalhador da CVB vivencia sua juventude? Ou seja, quais os tempos e espaços nos quais os jovens podem 'apenas ser jovens' e não jovens trabalhadores ou jovens estudantes? Falamos dessa dimensão, pois pensar na juventude implica pensar nas possibilidades de lazer e uso do tempo livre, tempo com o grupo de pares, tempo com a família, com o/a namorado/a, tempo para vivenciar o ciberespaço. Consideramos que a dimensão do trabalho tende a "ditar as regras" da condição juvenil dos sujeitos desta pesquisa, pois todas as outras atividades que exercem, seja na escola, no uso do tempo livre e/ou no lazer, dependem do tempo que lhes sobra diante do trabalho. Todavia, ponderamos que, mesmo com as regras ditadas pelo trabalho, isso não impede a vivência juvenil desses jovens.

Enfim, constatamos que, para os jovens pesquisados, a escola e o trabalho parecem ser projetos que se superpõem ou que sofrem ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e das condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. Nesse sentido, o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil. Uma coisa é certa, tal como já afirmou Dayrell (2007), podemos dizer que o trabalho ocupa um lugar central na vida do jovem, ou seja, 'o trabalho também faz a juventude', mesmo considerando a diversidade de situações e posturas existente por parte dos jovens em relação ao trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas reflexões, buscaremos sistematizar os elementos que apontam para as possíveis mediações entre trabalho, escola e juventude na ótica dos jovens da Cruz Vermelha.

Inicialmente, chamamos a atenção para o lugar social dos jovens trabalhadores da CVB, tendo em vista que tal variável interferiu, em parte, nas possibilidades de vivenciarem a condição juvenil. Podemos dizer que o lugar social dos jovens é o primeiro fator que os “impulsiona” a relacionar trabalho e escola. A dimensão econômica é uma realidade que está posta para os jovens participantes dessa pesquisa. Por outro lado, isso não significa que o único sentido para a busca de trabalho seja a renda, pois como vimos, diferentes sentidos compõem esta inserção no mundo do trabalho, fato também constatado pela pesquisa da Corrochano (2001). Mas, não podemos negar que a partir da entrada no mundo do trabalho a vivência juvenil não é a mesma, seja pelos limites impostos pelo trabalho, seja pelas possibilidades oferecidas pelo mesmo.

O uso do tempo livre, por exemplo, dialoga, por um lado, com o que poderíamos chamar de limites impostos pelo trabalho, pois os jovens tendiam a ocupá-lo para a satisfação de necessidades objetivas e marcadas pelas obrigações que tinham, tais como estudar e fazer atividades domésticas. Não podemos dizer que é uma escolha, mas sim a falta de tempo, pois estamos falando de jovens que trabalham oito horas diárias e ainda estudam a noite. Por outro lado, mesmo com o tempo reduzido, tende a ocorrer uma ampliação das possibilidades de fruição do tempo livre através do salário que recebem.

Nessa perspectiva, torna-se necessário superar a visão hegemônica da relação juventude, trabalho e escola que tende a cair nos polos extremos: ou é uma “relação difícil” ou é potencializadora. Os resultados da pesquisa apontam que tais relações são muito mais complexas e sofrem ênfases diversas de acordo com o momento de vida de cada um, bem como das condições sociais nas quais os jovens se encontram. Como vimos, para uns, estudar e trabalhar eram antagônicos, para outros tal relação era normal e até favorecia na escola. E para outros ainda, o antagonismo e/ou a harmonia da relação se estabeleciam em momentos diferenciados para o mesmo jovem. Constatamos assim que tal relação é marcada pela ambiguidade, na qual essa tríade seria formadora e deformadora ao mesmo tempo, como aponta Arroyo (1991).

Outra variável que interfere nessa ambiguidade é a própria escola. A forma como o jovem lida e atribui significados à instituição escolar interfere diretamente na articulação que busca estabelecer entre a sua condição juvenil, o trabalho e a escola. Se a escola ‘não tinha sentido’ para o jovem, a relação entre estudo e trabalho tendia a ser menos pesada, ou, segundo ele, não prejudicava a escola. Já para outros que consideravam que a relação com a escola “tinha um sentido”, o trabalho acabava por prejudicar o desenvolvimento dos estudos. A pesquisa constatou que a maioria dos jovens estabeleceu com a escola uma relação mais instrumental, enfatizando muito mais o que a escolarização lhes poderia oferecer enquanto certificação - oportunidades de vida ou uma profissão - do que a própria dimensão do conhecimento. Nesse sentido, a escola tende a aparecer como ‘passaporte para

o futuro melhor', através da certificação, apontando para o desejo comum à maioria de 'ser alguém na vida'. Tal constatação nos leva a colocar em questão a estrutura e organização do ensino médio, apontando a necessidade urgente de uma 'refundação da escola', como já anuncia as novas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio.

Mas a constatação da ambiguidade presente na tríade juventude, trabalho e escola é resultado também de uma opção metodológica. Na pesquisa, buscamos superar uma perspectiva que tende compreender a realidade juvenil a partir de um olhar centrado no interior da escola, na figura do aluno e das regras que precisa seguir. Nessa perspectiva, o trabalho tende a aparecer na sua negatividade, no tanto que atrapalha a trajetória escolar dos jovens. Ao contrário, optamos em analisá-la tendo como ponto de partida o jovem, suas múltiplas identidades, ressaltando a realidade dos sujeitos como jovens, estudantes e trabalhadores, constatando assim as ambiguidades que estabelecem com o trabalho e com a escola. Acreditamos que essa perspectiva de análise seja mais rica conseguindo apreender a complexidade da realidade social na qual os jovens se encontram inseridos.

Por fim, chamamos atenção para a importância de se articular a escola com o mundo do trabalho. Não estamos retomando aqui a velha discussão da formação profissional, que estaria relacionada ao mercado de trabalho, mas sim, a necessidade de a escola dialogar com o jovem estudante trabalhador, valorizando suas experiências de trabalho, seus saberes e potencializando tal formação. Além disso, é também necessário aos espaços de trabalho que recebem jovens estudantes analisarem as singularidades desse público e buscarem ações que relacionem trabalho produtivo e trabalho educativo, potencializando a dimensão educativa do trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira** – Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p.37-73, 2005 (Reimpressão 2008).

ARROYO, M. G. O direito do trabalhador à educação. In: GOMEZ, C. M.; GRIGOTTO, G.; ARRUDA, M.; ARROYO, M.; NOSELLA, P. **Trabalho e Conhecimento: Dilema na educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1987.

ARROYO, M. G. Revendo os vínculos entre trabalho e educação: Elementos materiais da formação humana. In: SILVA, T. T. da. (org.) **Trabalho, Educação e Prática Social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.693-732.

BRASIL. **Lei da Consolidação das Leis Trabalhistas** (CLT) nº 5.542, de 1 de maio de 1943.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude Brasileira** – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 175-215, 2008.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CORROCHANO, M. C. **Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CORTI, A. P.; SOUZA, R. Aproximando-se do conceito de juventude. In: CORTI, A. P.; SOUZA, R. **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. Filial do Estado de Minas Gerais. **Minas Gerais**: 2009. Disponível em: <<http://cvbmg.org.br/>>. Acesso em: 12 jan.2012.

DAYRELL, J. T. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DAYRELL, J. T. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Tese. USP. São Paulo. 2001.

DAYRELL, J. T.; BARBOSA, D. de S. "Turma ou panelinha": a sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública. In: SOARES, L.; OLIVEIRA E SILVA, I. de. (org.). **Sujeitos da educação e processos de sociabilidade: os sentidos da experiência**. 1ª ed., v. 1. Belo Horizonte: Autêntica, p. 237-268, 2009.

DAYRELL, J. T.; JESUS, R. E. de; *et al.* Relatório de pesquisa. **A exclusão de jovens de 15 e 17 anos no Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas**. Observatório da Juventude/UNICEF, 2013.

DAYRELL, J. T. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, out.2007.

DEBERT, G. G. As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. In: DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. Ed USP. 2004.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FARIA, I.; GERALDO, M. F.; SANTOS, W. F. S. **Os rolezinhos e a educação: duas ou três questões para pensarmos sobre juventude, consumo e cultura**. 2013. (Mimeo)

FERRÉZ. **Tudo nosso, nada nosso. Carta Capital 25/01/2014**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/tudo-nosso-nada-nosso-2794.html> Acessado em: 10 mai. 2014.

GOMES, N. L; DAYRELL, J. T. **A juventude no Brasil**. Mimeo. 2004. IBASE/Polis. Juventude e Democracia – participação, esferas públicas. Relatório final. nov. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Comentários. Indicadores do período de 2009 e 2010**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1>. Acesso em: 25 mar. 2012.

LEÃO, G. M. P. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n. 1, p. 31-48, jan/abr. 2006.

LEÃO, G. P. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. In: DAYRELL, J.; STENGEL, M.; MOREIRA, M. I. C. **Juventude Contemporânea, um mosaico de Possibilidades**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **O negro no Brasil hoje**. São Paulo: Global, 2006.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.): **Retratos da juventude brasileira – Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. (Reimpressão, 2008).

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (org.). **Culturas jovens – novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 105-121, 2006.

PAIXÃO, M.; CARVANO, L. (org.). **Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil**; 2007-2008. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2008.

PEREGRINO, M. Os estudos sobre jovens na interseção da escola com o mundo do trabalho. In: SPÓSITO, M. P. (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentvm, p. 87-121, 2009.

SÁ, T. Lugares e não-lugares em Marc Augé. **ArtiTextos**, p. 179-188, dez. 2006.

SANTOS, G.; SANTOS, M. J.; P. BORGES, R. A juventude negra. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org). **Retratos da juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SPOSITO, M. P. (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências e Serviço Social (1999-2006). v. 1. Belo Horizonte: Argumentvm: 2009.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.): **Retratos da juventude brasileira – Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005 (Reimpressão 2008).

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380. 2004.

THIN, D. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 32, p. 11-25, 2006.

Data da submissão: 24/11/2017

Data da aprovação: 23/12/2017